Anno 3.º — DOMINGO 31 DE JULHO DE 1910 — N.º 32

CORREIO DE VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

DENUNCIANTES

Ha pouco tempo ainda, censurámos com energia e com indignação as resoluções tomadas numa das sessões da *Liga Monarchica*. Temos de renovar hoje as nossas censuras, e não o fazemos menos indignadamente.

O nosso paiz atravessa um periodo de profunda decadencia. A degeneração moral é extraordinaria. Desce-se a tudo. A *Liga Monarchica* desceu até á denuncia. Mas os fins justificarão, ao menos, os meios? De modo nenhum.

A *Liga Monarchica* não obedece ao sentimento de justiça e de verdade. Só, no caso contrario, se comprehendia que não respeitasse o que poderia julgar uma *convenção social*. Mas não a domina o amor da patria, para alguns um preconceito tambem. Obedece apenas ao interesse, ao odio, ao desejo de vingança. Serve-se da denuncia como arma politica.

Facil é prova-lo. As suas accusações incidem apenas sobre jornaes republicanos, quando ha outros que cahem sob a alçada da lei por motivos, pelo menos tão graves. O *Povo de Aveiro*, por exemplo, que, dizendo-se republicano, é de facto o mais violento defensor da monarchia, neste paiz, tem-se ultimamente atirado sem dó nem piedade a D. Manuel. Tem-no offendido gravemente. Porquê? Por ter entregado o poder ao sr. Teixeira de Souza. Fez el-rei bem ou mal? Não o discutimos, porque não sabemos. E não sabemos, porque a escolha entre os homens publicos portuguezes é das coisas mais difficeis que se nos tem deparado. Equivalem-se todos—e só sabiamos resolver a questão, não escolhendo nenhum.

Mas, ainda que Sua Magestade haja errado, alguem tem o direito de o offender? Não—e muito menos de lhe offender a mãe. Pois o *Povo d'Aveiro* não tem feito outra coisa ultimamente. De D. Manuel tem dito muito mal. De D. Amelia já não póde dizer peior. E a *Liga Monarchica* não o incluiu no numero dos jornaes que se dignou denunciar aos tribunaes. Se não nos enganamos, resolveu até louva-lo.

Mas parece isto um contrasenso, uma falta de lealdade ao Rei e ás Instituições. Parece, mas não é. A *Liga Monarchica* louva-o, applaude-o, não pelas offensas ao Rei, mas pela guerra systhematica e odiosa que sustenta contra os republicanos. Esta *virtude* compensa-o de todos os defeitos. De resto, bem sabe a *Liga Monarchica* que o *Povo d'Aveiro* censura o Rei, por uma questão de amúo. O mesmo se dá, ás vezes, entre as pessoas que mais se estimam. Ou por uma questão de interesse—o que se dá todos os dias. E a *Liga Monarchica* não vê tambem com bons olhos o sr. Teixeira de Souza no poder. O *Povo d'Aveiro* está, portanto, a fazer a politica que mais lhe convem. Havia de denuncia-lo? Seria revelar falta de criterio, de habilidade, de tactica. Tomára ella que elle nunca afrouxe na campanha. Será este um dos melhores meios de deitar a terra, depressa, o governo... monarchico-republicano. Por isso, em vez de denuncia-lo, louva-o. Calca a verdade e a justiça, mas serve os seus interesses. Está dentro da logica e da moral seguidas neste desgraçado paiz.

SECÇÃO LITTERARIA

CONFISSÃO D'AMOR

A loira filha de Albion, a ingleza,
De olhar azul que, languido, se move,
Se nas garras do amôr sente-se presa,
Indifferente balbucia:
—I love.

A alma da moda, a fina flôr de França,
Que de Cupido os dardos já não teme,
Se algum acaso o brando peito alcança
Exclama rindo e galhofando:
—J'aime.

A pensativa e branca flôr do Rheno
Deixa que essa alma d'esse amor se ilibe,
Porém se prova do subtil veneno
Diz num suspiro febril:
—Ich liebe.

A italiana pallida e formosa,
De voz tão dôce como o gaturomo,
Quando do amôr a essencia perigosa
Cáe-lhe no peito, ella murmura:
—Io amo.

A bella filha do paiz do Cid,
Flôr *de la gracia*, diva do salero,
Que tem no olhar as noites de Madrid,
Se sente amôr, confessa altiva:
—Lo quiero

E a portugueza, a trafega Morena,
Cuja belleza no arrabil proclamo,
Entre as primeiras, candida e serena,
Córa, estremece e diz confusa:
—Eu amo.

ARISTHEU ANDRADE.

A vida é uma flôr que tanto brota para o rico como para o pobre; mas o primeiro rega-a com champagne e o segundo com lagrimas.

—As mulheres são no mundo moral, o que as flores são no mundo physico.

A INOCLASTIA

Em Paris, a *blague* é a marca de contraste do Successo. Para lhe resistir, é preciso que seja autentico. E, tal a onda e a mulher, a multidão é atomicamente inconstante. Sobretudo esta que, se tem creada tantos Idolos—é só para ter o prazer de os destruir em seguida.

E só quando a *blague* assim triumpha da adoração, é que o publico de Paris e o que o macaqueia por esse planeta, vêm com espanto que os Deuses magnificos e omnipotentes, que a principio incensaram com devoção sincera, não passam afinal de comparsas grosseiros maquilhados por um caracterisador; de falsos Hugos de *boudoir;* de Shakespeares ao retalho; de Molieres para velhas preciosas; de Corneilles para fantoches; de Lafontaines reeditados em calembours; de Gongoras de feira; de Esquilos Tom-Ponces; de Prometeus anões acorrentados ao rochedo da Reclame; de Scherlok-Holmé do bluff; de rivaes de Pink, e do Cufayel & C.ª que descem a arte ao nivel d'uma mercadoria; de Mussets postiços, que, embebedando-se com licor de rosa, confundem a moda com a gloria, ate ao ponto de se imaginarem geniaes; de *rastás* da litteratura, fingindo ter imaginação, quando têm apenas gravatas, e *trucs*, em vez de espirito; de Ganymedes do exito, tomando uma parreca pela aguia divina; de pelotiqueiros da poesia, que pensando montar o Pegaso alado, esporeiam em vão um cavallo de pau; de pedicuros do Ideal, que em logar de fazerem pensar, fazem cocegas; de *reizeiros* da Arte, parodiando a belleza, e dando aos que a não sentem a illusão de a comprehender.

Eleitos pelas maiorias, elles são, sobre o pedestal da sua admiração inconsciente, os bezerros d'ouro da nossa epocha. Mas, pobres Simões stilitas da fama, os mesmos que os veneram, terminam pelos empolar. Vivendo na doce illusão da sua sublimidade, vão ao mesmo tempo agonisando, victimas da sua confiança n'ella.

Só a divindade do genio real acaba por triumphar. Não perante a multidão, que a não sabe reconhecer, mas perante o futuro, por que só se manifesta para além da vida. A sua contrafacção não basta para illudir perpetuamente um publico como este, falho de boa-fé e d'uma inconstancia sem par.

Quando a Reclame quer divinisar um mediocre além da medida, e abusa da turiferagem, acaba sempre por o tornar suspeito, mesmo áquelles que mais o consagraram. Condemnando-o a crear uma obra sobrenatural, superior a toda a espectativa, obrigam o auctor a addial-a demasiado, na ancia vã de superar.

* * *

Tal foi, por exemplo, o caso recente do *Chantecler*, *que convem* sempre remomerar como arquitipico.

Nunca artigo de commercio, marca de sabonetes ou de pastilhas para a tosse foram mais bastamente annunciados do que esta epopeia ornitologica, mesmo antes de ter sido ainda escripta. As proprias pilulas Pink ficaram muito áquem. Nem um dia em que esse nome sublime e obsidiante não fosse impresso pelo menos vinte vezes, n'um só jornal. Quantos *Chanteclers*, de todas as formas, adoptados a todos os usos, desde os mais gloriosos aos mais inconfessavelmente equivocos. A moda apoderou-se d'elle, para baptisar todas as suas novidades. Houve o papel de cartas *Chantecler* (com o gallo gravado), a pena (de gallo) *Chantecler*, a boa *Chantecler*, (de plumas de gallo), o phonographo *Chantecler*, o despertador *Chantecler*, o apperitivo *Chantecler*, o broche *Chantecler*, com crista de rubis, o guarda-chuva *Chantecler*, como o gallo gaulez no castão, o *Chantecler*... hygienico para uso secreto...

Mas, cançada por fim de tanto cocoricó, toda a gente começou a perguntar se em vez d'um gallo epico, elle não passava afinal dum velho gallo depennado. Em logar d'azas para voar entre os astros, elle não tinha senão patas para patinhar no lodo das capoeiras. E embora, sobre o poleiro do reclame, elle continuasse infatigavelmente a celebrar, no seu cocoricó estridente, a apotheose solar da Rostandolatria, e a boa gallinha gravida do successo continuasse pondo, todas as noites, os seus ovos d'ouro—Paris inteiro acabou por o troçar. Ainda outro dia, no boulevard de Clichy, a uma *gigolette* de saia curta e o pucho em rolo sobre a testa maquilhada, eu ouvi chamar com escarneo a jarreta condecorado e de chinó encalamistrado que a perseguia:

—*Ah! va donc, vieux saligaud de Chantecler!*

Triste fim d'uma epopeia—que encerra, penso eu e pensará o compadre Leitor, uma lição lucida e forte—como diria o nosso illustre Rapozão.

E' que até as qualidades reaes não bastam, quando o publico se farta de adorar um Idolo. Ter talento, para a multidão habituada a ouvil-o denominar genio, é sinonimo de mediocridade, pouco menos que de imbecilidade. Para corresponder a anciedade dos devotos, toda a obra d'um deus é condemnada a ser miraculosa.

Quando o publico se apercebe que em vez de lhe darem a oitava maravilha do mundo lhe dão simplesmente uma obra tão mediocremente humana como a de toda a gente, revolta-se. D'ahi o seu mau humor que se traduz logo pelo assobio ou pela *blague*. Por elle não ter realmente genio? Não, visto que a multidão o desconhece. Mas simplesmente para satisfazer a sua necessidade ingenita de desthronar o que hontem entronisou.

Louvemos, meus irmãos, a multidão ondeante na iconoclastia que a redime das idolatrias — sobretudo quando o idolo é o peior de todos: o bezerro d'ouro.

O que ella começa geralmente por divinisar nos eleitos da Reclame, não é, com effeito, o valor das suas obras em versos, mas em cifras. O que torna a maioria das falsas obras-primas contemporaneas mais condemnaveis, não é ser estheticamente inferiores. E' o serem especulações mercantis, que custaram innumeras noites de vigilias e de dores de cabeça aos seus auctores, e de reclames ao syndicato dos seus editores e emprezarios.

Significa o seu insucesso litterario o definitivo crepusculo destes Deuses do Bluff?

De modo algum. Atraz d'um, outro virá. E quando esse por sua vez cair, outros virão—eternamente.

Os Deuses passam.
Mas os idolos ficam.

Justino de Montalvão.

ASSUMPTOS HISTORICOS

Batalha de Aljubarrota

Raiou finalmente o glorioso dia 14 de agosto de 1385. O sol, assomando no oriente, illuminou em cheio as duas hostes...

De um lado, o numeroso exercito castelhano, onde doidejavam á brisa os innumeros pendões de tantos fidalgos que alli se agrupavam em torno da signa real de Castella... Do outro lado, a pequena hoste portugueza, em que tambem tremulavam diversos pendões, mas onde os poucos e não muitos ricos fidalgos que seguiam a fortuna do novo soberano, não feriam os olhos pelo esplendor das suas armaduras... Já ia o dia em mais de meio, quando o exercito castelhano se pôs em marcha, e, como diz Camões no seu verso tão sonôro:

Deu signal a trombeta castelhana,
Horrendo, ferro, ingente e temeroso
.....
E as mães que o som terribil escutaram
Aos peitos os filhinhos apertaram.

Logo a vanguarda portugueza, á voz de Nuno Alvares Pereira se abalou tambem, e foi a passo e ordenadamente ao encontro do inimigo... A vanguarda castelhana, desdobrada numa extensa linha e reforçada pelos peões e besteiros, avançava, ameaçando englobar nos seus immensos braços a estreita linha portugueza... O choque foi terrivel. Os portuguezes de Nuno Alvares, combatiam como leões, a flôr da nobreza castelhana e portugueza com el-rei de Castella bandeada pelejava bravemente... Sem trepidarem as duas alas portuguezas convergiam sobre o centro... A ala dos namorados precipitava-se com um enthusiasmo que tocava as raias da loucura, e abrindo uma larga brecha na columna castelhana, lá ficava

quasi toda sovertida nestas ondas tumultuosas de um verdadeiro mar de soldados. A batalha parecia perdida para os portuguezes, quando, á voz do seu brioso monarcha, a retaguarda, a flôr do exercito, as setecentas lanças de reserva cahiram como um furacão sobre o inimigo. O rei fazia prodigios de valor... O condestavel trazia de novo á carga a sua hoste rota; a ala dos namorados, mutilada, mas briosa sempre, voltava a derramar as ultimas gotas do seu generoso sangue... A columna inimiga, depois da primeira victoria, hesitava e recuava... E o que faziam entretanto os sete mil homens das duas alas e os dois mil ginetes de cavallaria ligeira?... Não tinha aquella massa de tropas uma direcção, um commando que utilisasse a sua bravura e o seu numero. Vendo-se desamparada, a vanguarda da columna recuou. Recuar era perder-se. Os portuguezes redobram de esforços, caiu-lhes nas mãos a bandeira real de Castella. A massa formidavel, recuando, atropelou-se, a si mesma, vacillou, ennovelou-se, esmagou a retaguarda de encontro ás bagagens que se misturam com ella e augmentaram a confusão... Repellidos os ginetes, o desbarato tornou-se então completo nos castelhanos. Assim como não houvéra ordem no ataque, não houve ordem na fuga... e não deixava de ser curioso espectaculo este de um exercito numeroso em debandada perseguido por um punhado de homens... Ainda a batalha não estava de todo perdida, quando el-rei de Castella fugiu á redea solta, caminho de Santarem... Não se julgando ainda bastante seguro em Santarem, nessa mesma noite partiu para bordo da esquadra que estava em Lisboa e d'ahi numa galé para Sevilha... A sinistra nova correu toda a Castella... O assombro e a dôr eram justificados, porque além do triste effeito moral que produzia a batalha de Aljubarrota, importava para os castelhanos um formidavel desastre: a flôr da nobreza lá ficára estendida, por que todos tinham combatido valentemente... Fôra uma terrivel messe o que o ferro portuguez ceifára...

Descemos muito, temos sido o ludibrio da Europa... apesar de tudo gloria-se um homem de ser portuguez, quando ao folhear as nossas velhas chronicas, se lhe depara resplandecente, como os nomes mais gloriosos de que se ufana Roma, de que se ufana a França, este nome que por si valle um poema — **Aljubarrota!**

PINHEIRO CHAGAS.

NOTICIARIO

Exames—Damos a seguir o resultado dos exames de 1.º grau nas escolas do sexo masculino e feminino d'esta freguezia de que são respectivamente professoras as sr.as D. Carolina Adelaide de Mello e D. Clementina Barreto. Todos os examinandos obtiveram a classificação de *optimo*. Isto vem confirmar a opinião que ha muito tempo formâmos d'aquellas distinctas professoras que exercem a sua profissão com zelo e proficiencia inexcediveis. Representam estas palavras apenas justiça. Não são um mero cumprimento, nem tão pouco um elogio vulgar. Mas... registemos os nomes dos pequeninos estudantes a quem enviamos muitas felicitações.

Da escola do sexo feminino: Maria Salomé Pereira, Constantina Rodrigues de Jesus, Maria José Rodrigues Ferreira, Michaela da Graça Nunes da Silva *(optimo)*.

Da escola do sexo *masculino:* Dorwal Pereira de Lemos, Francisco, da Maia e Moura, José Joaquim Rodrigues, José Francisco Arnaldo Dias, Manuel Marques Delgado, e Manuel da Cruz Pericão *(optimo)*.

—Tambem na escola do sexo feminino d'esta villa fez, ha dias, exame de 1.º grau, obtendo a classificação de *optimo*, a menina Innocencia Augusta Pereira Saldanha, dilecta filha do nosso presado conterraneo e amigo sr. Jayme Pereira Saldanha, habil e considerado ourives no Porto. A' gentil creança e a seus paes, os nossos mais cordeaes parabens.

—Passaram, pela media, no 1.º anno do lyceu d'Aveiro, os srs. Manuel Dias de Carvalho e Jeronymo Fernandes Mascarenhas, respectivamente filhos dos nossos amigos e conterraneos srs. Filippe Dias de Carvalho e José Fernandes Mascarenhas, a quem enviamos muitos parabens.

—Por estarmos mal informados, demos no ultimo numero uma noticia menos exacta a respeito do resultado d'um exame de 3.ª classe no lyceu de Aveiro.

Festividade—A missa solemne da festa da Senhora da Graça, que annunciámos no ultimo numero, deve ter logar no dia 7 de agosto, e não no dia 9, como por lapso informámos. Neste dia, já não haverá nada, visto que a festa se realisa nos dias 6, 7 e 8.

Consorcio—Realisou-se, ha tres dias, em Aveiro, o consorcio do nosso amigo sr. João Luiz Flamengo, digno escrivão de direito naquela comarca com a sr.ª D. Eduarda Pereira Osorio, gentil filha do sr. Eduardo Ferreira Osorio.

Desejamos-lhes as mais radiosas venturas.

Pela imprensa—Por lapso, não temos felicitado o nosso presado collega *Os Successos* que entrou no 22.º anno de existencia. Fazemo-lo, hoje, muito cordealmente, esperando que a nossa falta obtenha desculpa, quando não seja por outra razão, ao menos por esta: mais vale tarde do que nunca.

Rainha Santa—No dia 7 d'agosto, por occasião das festas da Rainha Santa, ha um comboyo especial, sendo a partida d'Ovar ás 6 horas e a chegada a Coimbra ás 8 e meia da manhã, regressando á 1 hora da madrugada seguinte. O referido comboyo receberá passageiros nos apeadeiros de Valega e Avanca e nas estações d'Estarreja e Aveiro, sendo os preços, ida e volta, 1$360 reis em 2.ª classe e 1$000 reis em 3.ª.

Regedores—Foi nomeado regedor effectivo d'esta freguezia o sr. José Nunes de Carvalho e Silva; e da Oliveirinha, o sr. Manuel Thomaz Vieira Junior, effectivo, e João Thomaz Novo, substituto.

A B C Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

Trechos selectos

A mais grave doença do nosso tempo é a covardia; não ha a coragem precisa para cada um arvorar a sua bandeira, assumir a responsabilidade do que julga ser verdade, harmonisar os actos com as convicções. Todos pensam ser prudente e habil a conformação aos usos, a observação das exterioridades, ainda quando no foro intimo se haja rompido com tudo isso.

Ninguem quer desagradar a quem quer que seja, nem ferir qualquer preconceito, porque é necessario respeitar as opiniões alheias. E, caso curioso, são estes mesmos individuos, os que de nenhum modo respeitam as nossas convicções; malsinam-nas, odeiam-nos, e por sua vontade exterminariam de vez e simultaneamente as opiniões divergentes das suas e os que teem a audacia de appoial-as.

Similhante falta de coragem viril e de sinceridade é que assegura a existencia da mentira e faz recuar indefinidamente a victoria da verdade.

MAX NORDAU.

O que é a Vida?

A vida é um mal. A expressão ultima da vida terrestre, é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se n'uma batalha inexoravel de appetites, n'um tumulto desordenado de egoismos, que se entrechocam, rasgam, dilaceram. O progresso marca a distancia que vae do salto do tigre que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte kilometros. A fera a dez passos perturba-nos. O homem a quatro leguas enche-nos de terror. O homem é a fera dilatada.

Nunca os abysmos das ondas pariram monstro equivalente ao navio de guerra, com as escamas d'aço, os intestinos de bronze, o olhar de relampagos, e as boccas hiantes rugindo metralha, mastigando labaredas, vomitando morte.

A pata prehistorica do atlantosauro esmagava o rochedo. As dynamites do chimico estoiram montanhas como se partissem nozes. Se a presa do mastodonte escavacava um cedro, o canhão de Krupp rebenta baluartes e trincheiras. Uma vibora envenena um homem, mas um homem sósinho arraza uma capital.

O matadouro é a formula crua da sociedade em que vivemos. Uns nascem para rezes, outros para magarefes. Uns jantam, outros são jantados. Ha creaturas, lobregas, vestidas de trapos, minando montes, e creaturas esplendidas, cobertas d'oiro e de velludo, radiando ao sol. No cofre do banqueiro dormem pobrezas metalisadas. Ha homens que ceiam numa noite um bairro funebre de mendigos. Enfeitam gargantas de cortezãs rosarios de esmeraldas e diamantes, bem mais sinistros e lutuosos que rosarios de craneos ao peito de selvagens.

Vivem quadrupedas em estrabarias de marmore, e agonisam párias em alfurjas infectas, roidos de vermes. A latrina de Vanderbilt custou aldeolas de miseraveis. E, visto os palacios devorarem pocilgas, todo o boulevard grandioso reclama um quartel, um carcere e uma forca. O deus milhão não digere sem a guilhotina de sentinella. Os homens repartem o globo, como os abutres o carneiro. Maior abutre, maior quinhão. Homens que teem imperios, e homens que não teem lar.

Os pé mimosos das princezas deslisam luzentes d'oiro por alfombras, e os pés vagabundos calcam, sangrando, rochedos hirtos e matagaes. Bebem champagne alguns cavallos do sport, usam anneis de brilhantes alguns cães de regalo, e algumas creaturas por falta duma codea, accendem fogareiros para morrer. Bendito oxydo de carbone que exhala paz e esquecimento.

E a natureza, insensivel ao drama barbaro do homem! Guerras, odios, crimes, tyrannias, hecatombes, desastres, inniquidades, deixam-na indifferente e inconsciente, como o rochedo immovel, bulindo-lhe a aza duma vespa. O clamor atroador de todos as angustias não arranca um ai da immensidade inexoravel. A aurora sorri com o mesmo esplendor aos campos da batalha ou ao berço infantil, e as hervas gulosas não distinguem a podridão do monturo da podridão de Joanna d'Arc.

GUERRA JUNQUEIRO.

Toda a correspondencia déve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.

OS DOIS PESCADORES DE LEÇA DA PALMEIRA

III

(CONTINUAÇÃO)

Esse velho, outr'ora patrão num barco de pesca, perdera o barco no mar; quando Deus o chamou para si, a rapariguita que o acompanhava a pedir esmola, ficou orphã. Raimão viu-a uma manhã ao sol, e achou-a tão formosa que a quiz para noiva. Era Izabel.

Durante a ausencia de Roberto, a vida d'aquella familia era tranquilissima. De manhã fazia-se o trabalho da casa; e de tarde, um pouco antes do pôr do sol, iam a senhor'Anna e sua nora passeiar pela praia até avistar a catraia, quando Raimão andava no mar; ou, se partia elle de noite, ficavam as duas a fazer serão.

Voltou Roberto emfim e quebrou-se n'aquella cabana o socego habitual, para que o filho ha tanto tempo arredado de sua familia fosse recebido sob o tecto paterno com um apparato ruidoso, que equivalia em Leça da Palmeira ao festim de Salomão á rainha de Sabá, ou ao do rei Assuero á judia Esther. Roberto chegou a Leça no começo de uma linda noite de junho, e no dia seguinte foram convidados todos os pescadores do sitio para um jantar na praia. Eram para cima de trinta homens do mar, com as suas familias, todos sentados na areia, em roda das caldeiras da cosinhada de peixe miudo.

—Eis-me entre vós, dizia Roberto; eis-me entre vós como outr'ora, irmãos! A fortuna não me tornou altivo, e a maior alegria da minha existencia é tornar a vêr a minha terra, e poder dizer:—A minha familia está aqui! E' minha mãe! é meu irmão! os pescadores de Leça! Eis a minha familia, irmãos!

—Esqueceu-te fallar de mais alguem que te é parente! exclamou Raimão, indicando Izabel.

—Oh! Perdoa-me, Raimão! A mulher do nosso irmão é nossa irmã, e depois de minha mãe sois vós dois a quem eu estimo mais no mundo. Como é a sua graça, mana?

—Izabel! respondeu a rapariga, fazendo-se córada.

—Nome de santa! replicou Roberto em tom de cumprimento.

—E' dos sitios!

—E mais que é, disseram os pescadores.

—Bem pequena a viste! redarguiu Raimão.

—E' o que fizeste em ir para o Brazil! exclamou a senhor'Anna, rindo e beijando Roberto. Perdeste a Izabel!

—Agora perdeu! disseram os pescadores.

—E' que vocês não sabem a historia! O caso passou-se assim: Haverá hoje quinze annos, o pae d'esta rapariga disse-me por esta maneira: «Senhor'Anna, esta minha filha ha-de ser para um dos seus rapazes!» Izabel, que teria nesse tempo seis annos, agarrou a mão de Roberto e gritou:—Ha-de ser este!

—Ai que graça!...

—Mas depois, com o tempo,—accrescentou Raimão, rindo—tive artes para fazer mudar de vento, e preguei com ella, bem mastreada, na capella-mór do Senhor de Mattosinhos, onde o padre cura me deu para a mão o leme, navegando até hoje com maré a favor!...

E' uma coisa imprudente avivar lembranças do passado. Se o passado é o nada, para que evocar phantasmas? O coração deixa-se levar ás vezes de visões, e eu não sei que haja predilecções mais perigosas do que as que uma sombra inspira... Os olhos de Roberto procuraram os de Izabel, e ao encontrarem-se pareceram fugir-se.

—A' saude da companha, disse Raimão, empunhando um dos cangirões de vinho.

—A' saude de Roberto! gritavam os pescadores, bebendo.

—A' saude da menina Izabel! exclamou Roberto.

—Mana Izabel é que se lhe chama! redarguiu Raimão. Meninas são as creanças, meu rapaz!

—A' saude da sr.ª Izabel, gritaram os pescadores.

—Parece tudo isto á minha alma um sonho! exclamou a mãe. Estares tu em Leça da Palmeira, rico e feliz! Meu bom filho!...

Leituras amenas

Aventuras d'uma duqueza

Tata-se de um caso não muito vulgar, e que fará palpitar de enternecido goso os corações sensisiveis ao amor. Uma duqueza, authentica, atira fóra os brazões, e não tem duvida em se misturar com as humildes operarias d'uma sapataria, esperando o momento de poder casar com um simples engenheiro que era o escolhido do seu coração.

A protagonista é a duqueza Noeble de Saxe-Altembach; a sua historia, é um romance de amor, dos mais sympaticos, diga-se a verdade, porque a duqueza, mulher, embora aristocrata, quiz escolher com inteira liberdade o companheiro da sua vida, rompendo assim com todas as convenções impostas pela etiqueta e pelas conveniencias da nobreza a que pertence.

Amou a duqueza Noeble um homem digno, mas de condição social bastante inferior á sua. Desprezou então as honrarias que a cercavam, o que não é crime, antes eleva no conceito das pessoas de bem, o valor moral da jovem duqueza.

Dama *honorable* da côrte d'esse pequeno Estado a que já nos referimos, a duqueza Noeble encontrou n'uma recepção official o engenheiro francez Regnault, que andava pela Allemanha em vlagem de estudo.

Estas pequenas côrtes allemãs são muito hospitaleiras para os estrangeiros em viagem; de maneira que o engenheiro Regnaud teve occasião de encontrar frequentes vezes a duqueza, não sendo difficil, aos dois, comprehenderem que um puro e terno sentimento lhe tomára posse do coração. Amaram-se. Começou pela sympathia e acabou pelo amor.

O caso é que os corações, para o effeito de sentimentalismo, não distinguem corôas ducaes.

Quando a duqueza communicou a seus paes os seus sentimentos amorosos pelo engenheiro Regnault, cahiu o Carmo e a Trindade!

Os duques enfureceram-se e declararam cathegoricamente que se oppunham formal e intransigentemente. Começou então a parte dramatica do caso. Os paes, avisados pela declaração da filha, ficaram em observações. Para começo da vida nova fizeram-na espiar cautelosamente e prohibiram-lhes os passeios nos jardins e parques. O engenheiro francez foi avisado de que seria excellente para a sua propria conservação mudar de rumo; e para lhe tirar qualquer esperança, os duques fizeram correr mundo a noticia do casamento de sua filha com um conde saxonio, aparentado com uma familia principesca.

E prompto; lagrimas da apaixonada duquezinha, protesto, supplicas, ameaças, nada conseguiu demover seus paes. Os duques de Saxe-Altembach impuzeram a sua inflexivel vontade: a duqueza casaria com o nobre conde, esquecendo o engenheiro pobretão.

Mas, na vespera da cerimonia nupcial, a duqueza desappareceu, sendo inuteis todos os esforços empregados para descobrir o seu paradeiro. A fugitiva deixara uma carta para seus paes, concebida nos seguintes termos:

«Meus queridos paes:—Perdoae-me, e tende confiança em mim. Parto, porque devo partir; mas acreditae que a vossa filha não fará nada que seja indigno d'ella ou de vós.—Noeble.»

A duquezinha, conseguindo illudir a vigilancia das creadas, tomou o comboyo para Vienna, seguindo sósinha, um pouco ao acaso.

Ali teve a sorte de encontrar collocação embora humilde, n'um grande armazem de calçado.

A duqueza não hesitou. Acceitou o logar e, esquecendo completamente as passadas grandezas, começou a trabalhar.

Durante um anno as mãos aristocraticas d'esta parenta de reis e principes occuparam-se n'este humilde mister. A duqueza transformara-se em sapateira. Vivia feliz, cada vez mais apaixonada, é certo, mas ganhando honestamente o sufficiente para a sua subsistencia. Foi uma operaria laboriosa, séria, intelligente. A correspondencia com o engenheiro Regnault continuava invariavelmente apaixonada, demonstrando que a ausencia não lograra diminuir o seu entranhado affecto.

Passado algum tempo, Regnault conseguiu um logar de engenheiro n'uma sociedade mineira de Paris, com o ordenado sufficiente para fazer face ás despezas de um lar. Estava, portanto, conseguindo o objecto dos dois namorados. Ella fugira ao casamento com o conde saxonio, e aguardára que o seu bem amado conquistasse posição para se lhe ligar definitivamente; elle alcançara o desejado logar e a mulher dos seus sonhos.

Casaram. E' natural que sejam muito felizes e tenham muitos meninos. A duqueza quando no seu lar entrou a abastança, começou a ter uma singular predilecção que, naturalmente, resultou da sua sympathia pela loja de calçado onde praticou durante um anno. Começou a collecionar sapatos e botas que tivessem pertencido a rainhas, quer estas se sentassem em tronos, quer reinassem pelo talento na scena theatral. Mas, devemos convir, que esta de collecionar sapatos é uma excentridade tal, que parece... americana. E no entanto é allemã!...

Um contracto ante-nupcial

Uma jovem americana do Monteclair (New-Jersey) encontrou ultimamente uma nova formula de contracto de casamento. Os principaes jornaes americanos publicaram o texto d'esse contracto assignado pelo respectivo noivo. E' como se segue:

«Prometto solemnemente perante o juiz de paz e perante a mulher que escolhi para minha esposa, respeitar as seguintes condições:

Todos os sabbados, á noite, entregarei a minha mulher os meus salarios; estarei em casa ás 9 horas da noite, a não ser que tenha sahido com minha mulher; não irei nunca ao baile ou a qualquer outro divertimento ou reunião sem a levar commigo; não dançarei, seja com quem fôr, sem sua auctorisação; serei sempre amavel para sua mãe e seu irmão; não irei nunca a qualquer casa onde não possam ir mulheres, sem o seu consentimento; não fumarei nos dias de semana mais de tres cigarros por dia e aos domingos não fumarei mais de cinco; a minha linguagem será sempre moderada e conveniente; todos os annos, pela primavera, baterei os tapetes, sem abrir bico; lavarei semanalmente a minha roupa branca; não beberei nem cerveja nem licôres; não poderei ter cão. Egualmente me comprometto a prestar aos meus filhos, se os tivermos, todos os cuidados indispensaveis, bem como a embalal-os, adormecel-os e a acarici al-os, quando porventura chorem durante a noite. Tanto de manhã como á noite accenderei o lume, para que minha mulher não tenha que fazer qualquer pequeno esforço.»

Naturalmente por esquecimento, faltou uma condição que nos parece essencial, que é de tomar o compromisso de dar á luz, tres vezes cada anno pelo menos, e amamentar os respectivos filhos.

(Do Almanach da *Lucta*)

NOTICIAS PESSOAES

Délivrance

Deu á luz, no dia 20, uma creança do sexo feminino, a sr.ª D. Iria Marques Ferreira, esposa do nosso amigo sr. Abel Joaquim Marques. Desejamos para a gentil creança as maiores felicidades.

Doente

Tem passado bastante doente a sr.ª D. Margarida Vieira. Felizmente, vae sentindo algumas melhoras, o que muito estimamos.

Partidas e chegadas

Regressou de Vizella o nosso presado amigo e conterraneo sr. José Antonio de Carvalho Junior.

—Retirou para Aveiro o nosso amigo sr. Alfredo da Cruz Nordeste, distincto alumno do Instituto Industrial e Commercial do Porto.

Estadas

De visita aos seus manos e nossos amigos srs. Jayme e João Saldanha, esteve no Porto a sr.ª D. Henriqueta Pereira Saldanha.

—Estiveram na mesma cidade o srs. dr. Diniz Severo Correia de Carvalho e Manuel Dias d'Andrade, nosso presado correspondente em S. João de Loure.

—Está nas Caldas de S. Jorge o sr. José Rodrigues Pardinha, abastado proprietario e capitalista, de Sarrazolla.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 28

Até que emfim tivemos noticias de S. João de Loure, por intermedio do digno correspondente do *Correio do Vouga*. Que elle não se recolha, novamente, ao silencio, é o que eu muito desejo.

—Acaba de fallecer, nesta cidade, o meu amigo Luiz Francisco, natural de Tabua, mas aqui residente ha annos. Era caixeiro d'uma padaria, da Rua Pedro Dias, pertencente á Companhia de Panificação Lisbonense. O extincto gosava da consideração e estima de todas as pessoas que o conheciam sendo, por isso muito sentida a sua morte. O seu funeral foi extraordinariamente concorrido por pessoas de todas as classes.

—Retirou para S. João de Loure o nosso amigo Antonio Lopes, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Thereza Martins da Silva, e dos seus filhinhos. O sr. Lopes, de quem se fôramn despedir á estação do Rocio conta pormuitas pessoas das suas relações, demorar-se algum tempo na sua bella vivenda de Loure.

—Por estes dias, partem tambem para S. João de Loure os srs. José Ferreira Garro e Antonio Duarte Correia Mello.

—Vindo do Alemtejo, e depois de se ter demorado aqui alguns dias, retirou para S. João de Loure a sr.ª Felicidade Conceição Santos.

—Seguiu para o Valle da Mó a sr.ª D. Maria Augusta Fernandes, sobrinha do considerado capilalista sr. João Nunes Fernandes, natural d'Eixo, mas residente nesta cidade.

—O tempo tem estado pessimo. Ha occasiões em que não se póde sair á rua, tal é o vento e a poeira. As senhoras passam martyrios, a segurar as saias. A' hora em que escrevo o ceu apresenta-se toldado, ouvindo-se ao longe alguns trovões e caindo, de vez em quando, fortes aguaceiros.

—Grassa por aqui com grande intensidade a terrivel variola.

Melicias.

—=—

Azurva, 28

Vindos de Lisboa, chegaram aqui, no dia 22, os srs. João Simões da Rocha, Pedro Marques da Silva e sua avó Engracia de Rezende, e Antonio Gonçalves da Cruz.

A todos, os nossos cumprimentes.

—Passam incommodados a sr.ª Silveria Rodrigues da Silva e seu filho Luiz Tavares da Silva.

—Encontram-se tambem doentes, e em estado bastante grave, o sr. Augusto da Silva Oliveira e sua esposa, naturaes de Aguas Boas (Oyã) mas aqui residentes, ha algum tempo.

Desejamos a todos rapidas melhoras.

—Deve regressar, no dia 30, para Lisboa, o sr. João Simões da Rocha.

—Festeja-se, no dia 31, nas Azenhas de Baixo, o milagroso S. Romão. Assiste a afamada charanga de Frossos.—C.

—=—

Alquerubim, 23

No dia 21, tiveram logar os exames de 1.º grau, nas escolas dos dois sexos desta freguezia, sob a presidencia do snr. Queiroz, professor da escola central d'Aveiro. Foram submettidos a exame 8 alumnos da escola do sexo masculino e 7 da do feminino, ficando todos approvados.

—Os milharaes estão muito bonitos, promettendo uma colheita abundante. As vinhas é que estão fracas, devendo a colheita reduzir-se a um terço do que, no principio, se calculava. Apesar d'isto, ainda ha tabernas onde se vende o vinho a 2o reis o litro!—C.

—=—

Mamarosa, 29

Abrilhantada pelas philarmonicas de Oliveira do Bairro e S. João de Loure (velha), devem realisar-se aqui, nos dias 6, 7 e 8 de agosto proximo as costumadas festas annuaes em honra do Martyr S. Sebastião, que devem ser esplendidas, a avaliar pela competencia, boa-vontade e fino gosto de duas briosas commissões que se acham já ha tempo organisadas para as levar a effeito. Uma d'ellas, de que é presidente a sr.ª D. Maria Rosa do Carmo, é constituida por mais de 20 sympathicas e gentis meninas d'este logar e visinhos, cujos nomes não publico em virtude de não os saber. Tem a seu cargo todo o trabalho de ornamentações. A outra, que dirige superiormente os festejos, competindo-lhe tambem todos os restantes trabalhos, é constituida pelos srs. Antonio Joaquim de Carvalho, presidente; Martinho Martins, vice-presidente; José Martins, Joaquim de Seabra Coelho, Manuel dos Santos Martins, Raul Gomes Ferreira, João d'Almeida Novo, João da Costa, Antonio dos Santos Marquez, José dos Santos Marquez, Manuel d'Oliveira das Neves, Antonio Simões dos Santos, Manuel Domingues, Manuel Francisco da Graça, Sebastião Ferreira da Silva, José dos Santos Mattos, Agostinho Ferreira, Sebastião dos Santos Martins, Manuel Roso, Joaquim da Rita, Antonio Liborio, Antonio Freitas, Manuel d'Oliveira Pato, Antonio Rodrigues da Silva Novo e Manuel da Silva Cravo, e tem sido incansavel, trabalhando sempre no sentido de dignamente cumprir o seu dever, imprimindo ás festas, que se propõe effectuar, um feitio moderno. A ella promettem valioso auxilio os srs. José dos Santos Pato, Antonio Rodrigues Capucho e outras cavalheiros.

Haverá variadissimo fogo do ar, lindas illuminações e esplendidas ornamentações.

A' festa, pois, rapaziada!

Gil

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de substencia.

Transporte . . .	*166$500*
José Rodrigues Laranjeira .	*500*
João das Neves Martins . .	*2$600*
Somma	*169$150*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1,º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

Roberto sorriu se para Izabel.

—Não és tu feliz!?

—Porque o não seria, se estou ao lado de nossa mãe?

—Mas deixaste-a para seres rico! respondeu Raimão rudemente.

—Nunca m'o perdoarão, bem sei. Na terra é uma loucura querer ter muito; tudo aqui se ha-de deixar!...

A senhor'Anna não perdeu um unico movimento de Roberto nem de Izabel: quando acabou o jantar, e Roberto lhe pediu a benção, foi com singular expressão de severidade que ella lhe respondeu:

—Deus te acuda!

Raimão estendeu a mão a Roberto, e sentiu a d'elle fria e tremula: então, com um sorriso de bondade, perguntou-lhe, abraçando-o:

—Que tens tu, vamos, que tens tu?

Roberto, fixando a vista na de seu irmão, retorquiu, fazendo-se pallido:

—Eu!?

IV

Porque parecia Roberto entristecer-se no meio das festas? Que melancholia indefinivel se desenhava no seu pallido sorriso, quando, mergulhando-se em extase, demorava um olhar annuveado sobre o primeiro objecto que a vista lhe encontrasse? Ah! Pobre mãe... pobre mãe! Só ella sentia o alcance de todos estes indicios, que pareciam esclarecer-lhe o que o coração lhe adivinhava! Roberto não dirigira nunca a palavra a Izabel senão com um indisivel ar de amargura, e a rapariga de quando em quando arriscava até elle um olhar fugitivo, mas dir-se-ia que preoccupado.

Alguns dias se passaram depois da chegada de Roberto, sem successo notavel n'aquella casa. Apenas a senhor'Anna continuava prescrutando tudo, e fazendo experiencias para conseguir tirar uma conclusão que ella cuidava presentir. Uma noite,—era na vespera de S. João,—a senhor'Anna e Izabel, sentadas cada uma do seu lado a uma janella que dava para o rio, conversavam ácerca dos differentes caracteres dos dois irmãos. Izabel fallando de seu marido conservava o ar de frieza que lhe era habitual; quando, porém, se tratou de Roberto parecia vêr-se o ceu no fogo do seu olhar, sentir-se a felicidade na perfumada doçura da sua voz. A senhor'Anna fixou a vista na de sua nora, e disse-lhe em leve accentuação de ironia:

—Que enthusiasmo quando fallas de Roberto, e que frieza fallando de teu marido!

—E' porque saudo em Roberto qualidades, que meu marido não possue.

—Não é por isso, Izabel!

—Então...

—E' porque o amas!

—Eu! exclamou a rapariga, tornando-se pallida.

—Tu mesma! replicou a mãe do pescador, severamente.

Depois tomando-lhe uma das mãos, continuou assim:

—Ouve, Izabel. Ha cinco dias que meu filho Roberto voltou a Leça, e ha cinco dias que conheço em ti uma fatal mudança. Tu tens vinte e um annos, Izabel; e eu tenho cincoenta e dois. Gostas pela primeira vez de um homem,—sim! porque nunca quizeste a teu marido! E' infame, este atrevimento. Seu proprio irmão! Oh!

Izabel deixou pender a cabeça sobre o peito e pareceu scismar. A noite estava tão amorosa que tudo parecia alheio ás paixões terrestres. O mar sussurrava ao longe, a brisa suspirava no rio; cuidava-se ouvir a harmonia das espheras, julgava-se sentir a dança dos astros; cada grão de areia tinha voz de poeta: murmurio encantador e inexplicavel como o bater das azas das pombas e das fadas! Oh! que linda noite de junho!

A senhor'Anna, sem despregar a vista de Izabel, foi dizendo-lhe:

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Prmarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão-2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição doinferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do actor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

3.º ANNO—N.º 32

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
» —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.

.....

.....